

Col. 2

ELEGIA

NA INFAUSTA, E INTEMPESTIVA MORTE
DO

SERENISSIMO SENHOR

D. J O S E P H

PRINCIPE DO BRAZIL,

OFFERECIDA

A SAUDOZA PATRIA:

FOR

JOAÕ XAVIER DE MATOS.



LISBOA

Na Officina de FILIPPE DA SILVA E AZEVEDO,

ANNO M.DCC.LXXXV.III.

*Com Licença da Real Mesa da Commissão Geral, sobre
o Exame, e Censura dos Livros.*

EL REINO DE PORTUGAL

DE SU MAJESTAD EL REY DON JOSE I.

D. JOSE P. H. PRINCIPLE DO BRAZIL

DE SAUDADA PATRIA

JOAO XAVIER DE MATOS



LISBOA

Na Officina da Imprensa da Real Academia de Ciências de Lisboa, Anno de 1841.

E L E G I A.



EPOEM, ó Muza minha, o instrumento,
 Que nas margens do Tejo brandamente,
 Os rochedos trazia em seguimento.

Arranca os louros, orna a triste frente
 De roxos lirios, d'immortal cipreste;
 Seja tudo signal de pranto ardente.

Chegue o nosso clamor thé á celeste
 Esfera venturoza, onde descança,
 Aquelle Heroe, a quem louvores desse.

JOZE', Caro JOZE'..... em vão se cança
 O nosso terno amor..... ah! quem te esconde,
 Se te faz immortal nossa lembrança?

Aonde , em que lugar , dize-nos , onde
Podemos , ó Principe , encontrar-te ,
Se Ecco longe , por ti , triste responde ?

Se com faudozos ais vamos chamar-te ;
JOZE , responde a voz , tambem faudoza ;
He o teu nome ouvido em toda a parte !

Mas ah ! que nesta Campa tenebroza
Descança o Regio Heroe , aqui se encerra ;
Seu frio Corpo : oh scena lastimoza !

Neste lugar , que os coraçoes a terra
Jaz quem foi nossa gloria ; oh ! triste cazo ,
• Que do Sepulchro os mortos desenterra.

Quam breve foi da sua vida o prazo ;
Duraraõ tanto seus felices dias ;
Quanto o Sol d'Oriente athé Occazo.

Que mal fizemos nós, que acções impias
 Contra ti commetemos, (Céu sagrado,)
 Para victimas fermos d'agonias ?

Morreo JOZE' ! JOZE' PRINCIPE Amado
 Da Luza gente, e das Nações estranhas,
 Defensor das Sciencias, Pai do Estado!

Aquelle ... Oh ! dor que n'alma assim te entranhas,
 Deixa, que saiaõ de meus olhos fontes,
 Qual o gelo, que corre das montanhas.

Aquelle, que alegrava os Orizontes
 Dos nossos campos, por quem chora o Tejo,
 Por quem se tornaõ tristes estes montes.

O virtuozo Heroe, cujo dezejo
 Já mais cansou no amparo do indigente,
 Tu não me enganas, fantazia eu vejo!

Ah! implacavel Morte , cegamente

A sanguinoza fouce descarregas ,

No máo , no juſto , em todos igualmente !

Tuas aras com ſangue humano regas ,

Tu nos roubas JOZE' , nós o ſentimos

Naquelle vida o golpe duro empregas.

Em vão de ti lembranças omittermos ,

Nunca de horrores farta , defabrida ,

Veloz nos ſegues , quanto mais fugimos.

Porém , ſe a noſſo rogo endurecida ,

Cortas em flor as noſſas eſperanças ,

Tantas mortes fazendo n'uma vida!

Os extremos do noſſo amor não canſas ,

Seu Grande , ſeu bom Nome memoravel ,

Mais que em marmor fará noſſas lembranças.

Pois se as bellezas da virtude amavel
O humano coração deixa encantado ;
Quanto merece hum PRINCIPE adoravel ?

Qual impio coração d'aço forjado ,
Que Marpezio rochedo inda mais duro ,
Não fica em branda cera transformado ?

Oh dia de terror ! oh dia escuro !
Sempre de nós chorado , em ti perdemos
O modello dos Principes mais puro . !

Já mais , amados Luzos , gozaremos
Aquella Alma Benigna , Affavel , Pia ,
Que para nosso bem prompta tivemos !

Com paternal amor , attento ouvia
Os clamores da mizera pobreza ,
A quem sempre constante foccorria .

No tormentozo golfo da grandeza

Sabia conhecer Justo, e Prudente,

Que todos saõ iguais por natureza:

Vós Luzitana, inconsolavel gente,

Contai, contai por mim os beneficios,

Falle o pupillo, o mizero indigente.

Quantas vezes de infaustos precipicios,

Elle vos libertou, calcando forte

As Hidras infernaes d'infames vicios:

Se nos horridos Campos de Mavorte,

Para desmantellar soberbos muros,

Ligeiro naõ voou á dura morte;

Se os seus dias serenos, dias puros

Naõ permitiraõ, que brandindo a espada;

Affombro fosse dos Mortaes faturos:

Seguiu mais nobre , mais feliz estrada ;
Foi a delicia de seu Povo amante ,
Prenda do Céu , em nosso bem mandada.

Sabia conhecer , que hum bom Reinante
Do seu Povo era Pai , quando era justo ,
Arte que elle estudou sempre constante.

Aquella Arte feliz , de tanto custo ;
Que fará immortal entre os vindouros
MARIA , herdeira de JOZE' Augusto.

Aquella Arte feliz , cujos thezouros
Possuia , o nosso PRINCIPE ditozo ,
Que era de nosso bem altos agouros.

Inda apezar do estudo rigorozo ,
Temia governar quando pençava ,
Quanto he d'um Reino o mando ardo , e custozo.

Desta forte mil vezes exclamava:

„ Se tanto encargo tem hum Magistrado;

„ Que vidas tira , que fazendas dava.

„ Que obrigações não tem , quem destinado

„ Foi por supremo celestial decreto ,

„ Para ser Imperante , e Pai do Estado.

„ Idéas lizongeirias , vão projecto ;

„ Ambição de reinar , não me alucina :

„ Quanto deve hum bom Rei ser Justo , e Recto!

„ O Céu , o justo Céu , que me destina

„ Para reger meu Povo a vida exalte ,

„ De Minha Amada Mãi , Prudente , e Digna.

„ A sua Companhia me não falte ,

„ Ella póde ensinar-me , . . . assim dizia

Quem era em tudo da virtude esmalte.

Deste modo incansavel apprendia
Aquella alma gentil , sempre propençã
Ao summo bem da Luza Monarquia.

Mas a funesta Lei , que não despença,
Dos olhos nos levou , qual brando vento ,
Aquelle , que em fazer ditozos pença.

Quem do tremendo dia vive izento ,
Se a humilde choffa , se o palacio nobre ,
Teme da Parca o rosto macilento !

Só a bella Virtude , que hoje cobre ,
De gloria as cinzas do Varão , que canto ,
Póde fazer feliz o rico , e o pobre.

A Purpura Sagrada , o Regio Manto ,
Na fatal hora , como o burel rude ,
Servem de imagens de funesto espanto !

Muito embora o guerreiro idéa estude
De fazer-se immortal, que tudo he nada;
Tudo he no Mundo vaó sem a Virtude.

Ah! Magestozo Heroe, tu que exaltada
Vez tua gloria pelo Deos terrivel,
Na Campina de estrellas matizada.

Dize (se por ventura te he possivel ;
Nossos rogos ouvir puros ardentes,
Lá onde tudo he gloria inextinguivel.)

De que serviraõ tantos ascendentes ;
Ante o Deos das Vinganças, que empunharaõ
No Trono, os Scetros d'ouro refulgentes.

A grandeza, que em dote te deixaraõ,
Poder, Coroa, mando, ás maõs da morte,
No momento fatal, se espedaçaraõ.

Só a fãnta virtude, escudo forte
Contra o tempo, te fez em premio digno ;
Heroe sublimè da celeste Corte.

Mas nós, que no desterro peregrino ,
Sem ti ficamos, lugrebes gemidos
Aos Ceos espalharemos de continuo.

Os nossos rogos ternamente erguidos ,
Apprezenta por nós ao Deos clemente ;
A fim de que melhor sejaõ ouvidos.

De joelhos curvada a Luza gente,
Alçando as mãos, os olhos razos d'agua ;
Falla movida pela dôr pungente.

„ Supremo Deos, que vês a nossa fragoa ;
„ Conservai-nos a vida precioza
„ Da Rainha, a quem cêrca dôr, e megoa.

- „ Dai conforto á Princeza lacrimoza,
„ Aquella mulher forte, em cujo peito,
„ Habita huma Alma Juſta, e Virtuozza.
- „ De Joaõ caro (imitador perfeito
„ Da Mãi Augusta) dai-nos ſucceſſores,
„ Por quem Portugal viva ſatisfeito.
- „ E tu caro JOZE', que nos verdores,
„ Voaſte ao Templo da immortal Memoria,
„ Em paz deſcança, junto aos teus Maiores.
- „ De Pais a filhos vivirá a hiſtoria,
„ De quantos bens fizefte á humanidade
„ Serà teu nome igual à tua Gloria :
„ E qual foi teu amor noſſa Saudade.

F I M.